

O APEGO EM CRIANÇAS QUE PASSAM A PRIMEIRA INFÂNCIA EM CRECHES

THE ATTACHMENT IN CHILDREN WHO SPEND EARLY CHILDHOOD IN DAY CARE

Gabriela Alcoforado Lopes Cunha¹
Lucas Antônio Veríssimo de Melo²
Matheus da Gama Carneiro Netto³

RESUMO: Ao estudar o desenvolvimento infantil, a relação simbiótica mãe-bebê e a construção do Apego que se dá nesse período, surgiu o interesse de revisitar as teorias relacionadas à temática para compreender como este apego se mantém numa circunstância em que a criança é cuidada por diversas pessoas. O projeto teve como objetivo investigar, a partir da Teoria de John Bowlby, se, durante a primeira infância, crianças em creches podem apresentar dificuldades na construção dos vínculos afetivos. A metodologia utilizada baseia-se em pesquisas bibliográficas sobre os conhecimentos teóricos da Teoria do Apego e os agentes facilitadores e dificultadores de um apego saudável. Foi analisado ainda, o ambiente da creche, a compreensão de como se constitui o apego no infante e como as diferenças sociais que recaem sobre as creches podem ter uma influência na relação dos cuidadores com essas crianças. Os resultados apontaram que a partir do momento em que a criança se vê distante de seu cuidador original e primário, entra em períodos de choros e resistências, entre outros aspectos que contribuem para um apego inseguro. Como consequências, tem-se a ansiedade em conhecer coisas e pessoas novas, a evitação e angústia para com o ambiente afora, a dificuldade em explorar situações novas, e muitas outras dificuldades com o mundo externo e até mesmo interno, já que a base sólida de exploração e apoio se encontrou ausente em grande parte do ciclo de seu desenvolvimento. É necessário o contato, a atenção, a proteção, carinho e principalmente o amor para que a relação se torne algo saudável e funcional, pois crianças deixadas desde cedo em creches, chegando de volta ao ambiente natural e familiar sem essas necessidades básicas que os pais devem prestar, terão graves dificuldades futuramente com o ambiente externo. Então, conclui-se que as crianças que são privadas de cuidados básicos dos pais, certamente terão alguma sequela. Visto isso, foi possível concluir que as relações primárias construídas na infância afetam o padrão de apego do indivíduo ao longo da sua vida, e que o rompimento desses vínculos de apego, tanto na infância, adolescência ou vida adulta, suscita transformações nas formas de se relacionar.

Palavras-chave: Criança. Primeira Infância. Creche. Apego.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife. Foi Co-Autora do Projeto de Pesquisa – Projeto de Vida e Visão de Futuro de Jovens do Ensino Médio de uma Escola Pública Recifense. Estagiária de Psicologia da Escola Peralta em 2021. Atualmente, Estagiária de Recursos Humanos na OCULUM Óticas e monitora da disciplina de Desenvolvimento Infância. E-mail: gabi.alc@hotmail.com.

² Graduando em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife. Foi ligante da Liga Acadêmica de Psicopatologia e Transtornos Mentais (LAPT) da Uninassau. Estagiário no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) – Vicência, em 2021. Também foi estagiário em Gente & Gestão (RH) do Mundo do Cabeleireiro, em 2021. E, atualmente, estagia no setor de Gente & Gestão (RH) na TrueChange Tecnologia. E-mail: lvmelo1@hotmail.com.

³ Graduando em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). E-mail: matheus.nettoro@gmail.com.

ABSTRACT: When studying child development, the mother-infant symbiotic relationship and the construction of Attachment that takes place in this period, there was an interest in revisiting theories related to the theme to understand how this attachment is maintained in a circumstance in which the child is cared for by several people. The project aimed to investigate, based on John Bowlby's theory, whether, during early childhood, children in daycare centers can present difficulties in the construction of affective bonds. The methodology used is based on bibliographic research on the theoretical knowledge of Attachment Theory and the facilitating and hindering agents of healthy attachment. It was also analyzed the daycare environment, the understanding of how attachment is constituted in the infant and how the social differences that affect daycare centers can have an influence on the relationship between caregivers and these children. The results showed that from the moment the child finds himself distant from his original and primary caregiver, he enters periods of crying and resistance, among other aspects that contribute to an insecure attachment. As a consequence, there is the anxiety to know new things and people, the avoidance and anguish towards the outside environment, the difficulty in exploring new situations, and many other difficulties with the external and even internal world, since the solid base of exploration and support was absent for much of its development cycle. Contact, attention, protection, affection and, above all, love are necessary so that the relationship becomes something healthy and functional, as children are left in daycare centers from an early age, arriving back in the natural and familiar environment without these basic needs that parents have to provide, they will have serious difficulties in the future with the external environment. So, it is concluded that children who are deprived of basic parental care will certainly have some sequelae. In view of this, it was possible to conclude that the primary relationships built in childhood affect the individual's pattern of attachment throughout his life, and that the breaking of these attachment bonds, whether in childhood, adolescence or adulthood, leads to changes in the ways of relating.

Keywords: Child. Early Childhood. Daycare. Attachment.

INTRODUÇÃO

Ao aprofundarmos nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, a relação simbiótica da mãe com o bebê na primeira infância e a construção do apego que se dá nesse período, surgiu o interesse de revisitar as teorias relacionadas ao apego para compreender como ele se mantém numa circunstância em que a criança é cuidada por diversas pessoas. É importante o estudo do tema, pois nos dias atuais é grande o número de crianças que precisam passar a maior parte do dia na creche, considerando o contexto social das últimas décadas, onde as mulheres estão entrando cada vez mais no mercado de trabalho, exigindo novas opções para o cuidado alternativo de bebês e crianças pequenas. Assim, a criança certamente poderá apresentar alguma dificuldade na construção de modelos afetivos internos a partir da forma como diversos cuidadores estabeleceram o seu contato. A questão reside em compreender se essas novas vinculações permitem a criança se tornar independente e segura de si, ou não.

Como visto anteriormente, figuras de apego têm grande importância no desenvolvimento da identidade da criança. Estamos nomeando figuras de apego às pessoas com quem a criança cria laços baseados nas necessidades de segurança e proteção. Este

funcionamento explica o modelo de funcionamento infantil que acaba por expressar uma base de compreensão, interpretação e predição que são consequências dos vínculos estabelecidos com as pessoas as quais foi apegado. Daí a importância de que estas pessoas tenham relativa saúde mental estável que gostem de criança, porque, caso contrário, a criança pode apresentar problemas psicológicos ao inibir sua capacidade de um envolvimento saudável nas relações de apego intenso.

É importante pontuar ainda que, assim como a figura materna não necessariamente é constituída pela mãe, as figuras de apego nem sempre são os pais. A criança busca a pessoa com quem se sente mais protegida, alguém que vê com maior frequência e que supra suas necessidades. Com isso, vale considerar que nos ambientes de creche é comum ocorrerem mudanças de turno entre os cuidadores, o que faz com que muitas vezes a mesma criança seja cuidada por mais de uma pessoa. Essas mudanças constantes podem causar uma sensação de perda e insegurança, que se soma à angústia em se separar dos pais, no começo do dia.

Belsky em 2009, em seus estudos sobre a questão do apego em crianças que passam a maior parte do seu tempo na creche apontam que as consequências podem ser diversas, tendo em consideração o contexto cultural e social em que aquele indivíduo está inserido, além de diferenças no ambiente familiar, idade e a dinâmica da creche, afirmando que os efeitos dependem dos contextos sociais nos quais a experiência da creche é vivida. Diz o autor:

É preciso fazer distinção entre a qualidade, o tipo, o momento e a quantidade dos cuidados, e é possível que os efeitos desses aspectos do cuidado não parental variem em função do contexto familiar, comunitário e mais amplo no qual ocorre o serviço. Diante do exposto, cabe realizar uma revisão das teorias para compreender quais as influências que são geradas por uma rotina na creche. Desta forma, buscamos compreender como o cuidado em creche, iniciado na primeira infância e em regime integral, constitui-se num 'fator de risco', ou não, para as relações de apego.

2. JUSTIFICATIVA

Através de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se reunir diversos materiais sobre o apego relacionando-os com pesquisas já elaboradas sobre a vivência de crianças em creches. Esperamos assim, chegar a novas conclusões e criar novos questionamentos que impulsionem mais pesquisas na área. Aprofundar as questões acerca dessa temática é

importante para o enriquecimento da área, pois a relação entre creche e apego ainda carece de pesquisas e teorias de desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a proposta é abranger e gerar novas reflexões sobre a Teoria do Apego em crianças que passam a primeira infância na creche.

MÉTODOS

Para execução dessa pesquisa, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica. O estudo está direcionado pelo seguinte plano:

3.1. Conteúdo

- O que é a Teoria do Apego.
- O apego em crianças que passam a primeira infância em creches.
 - Quais os agentes facilitadores e dificultadores de um apego saudável.
 - Ambiente da creche e seus dificultantes.
 - O papel dos cuidadores no processo de desenvolvimento do Apego.
- Problemáticas na separação entre a criança e sua figura de apego.
- Possíveis cenários do ambiente de creche que visem preservar um apego sadio.

3.2. Identificação e localização de dados

O acervo da literatura científica disposta neste trabalho foi extraído através de pesquisa eletrônica nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e na Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância.

A decisão pelo tipo de pesquisa ser bibliográfica, se dá ao fato da ampla gama de materiais bibliográficos em formato eletrônico estarem ao nosso alcance e, por conta da situação ligada à Covid-19, não pôde ser realizada coleta de dados.

As buscas ocorreram entre o período de março e abril de 2021, através de palavras-chaves como “criança”, “creche” e “apego”.

Os artigos “Experiência inicial em creche e segurança do apego mãe-bebê” e “Creche na primeira infância e segurança do apego mãe-bebê” foram encontrados na Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância.

“Maternal care and mental health”, encontrado na revista *Bulletin of the world health organization*.

“Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento”, encontrado no arquivo brasileiro de psicologia.

“O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos encontrado” na revista *Psicologia: reflexão e crítica*.

3.3 Operacionalização: leitura e fichamento dos materiais

Para construção do nosso projeto de pesquisa, serão realizadas leituras analíticas, fichamentos e resumos de artigos científicos para a elaboração de fundamentos teóricos.

4. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A Teoria do Apego de John Bowlby enxerga a infância como ponto de partida do desenvolvimento da personalidade e considera os apegos desenvolvidos nesta fase como fatores de grande impacto na construção do sujeito. Para o teórico, o apego é um mecanismo básico dos seres humanos e a figura de apego é a ‘base segura’ a partir da qual o bebê pode começar a explorar o mundo. Além disso, as primeiras relações de apego, estabelecidas na primeira infância do indivíduo, afetam o estilo de apego ao longo da vida do sujeito.

Importante pontuar que para Ramires e Schneider, ‘apego’ é diferente de ‘comportamento de apego’. Enquanto o apego se trata de um estado interno, importante à sobrevivência como a alimentação e o sexo, e além disso é algo restrito a poucos indivíduos, os comportamentos de apego podem ser mostrados a uma variedade de sujeitos e:

[...] possibilitam ao indivíduo conseguir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego, ou seja, um indivíduo claramente identificado, considerado mais apto para lidar com o mundo (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010, p. 2)

Um conceito-chave na teoria de Bowlby é o sistema comportamental, que se trata do conjunto de comportamentos que envolvem o sujeito e suas figuras de afeto, como a criança constrói suas relações interpessoais. Esses comportamentos podem se apresentar de formas e intensidades diversas, como procurar o cuidador de forma ativa, mostrar aversão em forma de choro, podem demonstrar um interesse de interação na forma de sorrisos, por exemplo. A força e qualidade do apego é revelado através dessas formas de comportamento, não pela sua frequência, mas pelo padrão das ações (DALBEM & DELL'AGLIO, 2005).

Tomando como partida a Teoria das Relações Objetais e outros teóricos como Freud, que teorizou sobre a ansiedade de separação, e o etologista Konrad Lorenz, que realizou experimentos formulando o conceito de estampagem (ou imprinting, em inglês),

Bowlby percebeu que todos os bebês passam por uma sequência clara de reações quando são separados dos seus cuidadores originais, seus pais, e três atitudes caracterizam essa ansiedade de separação:

O estágio do protesto:

É caracterizado pelo choro, resistência e a busca por novos cuidadores. É o momento quando a criança percebe que está sendo, contra sua vontade, separado da sua figura de apego para ficar sob cuidados de outro indivíduo.

Se persiste, a criança chega ao estágio do desespero:

Onde seus protestos começam a diminuir e parecem ficar mais tranquilos, mesmo que ainda aconteçam. É quando o infante ainda se sente incomodado com a separação mas ainda não conformado. A criança nega a si mesma todas as tentativas de comodidade dos demais e, frequentemente, parece desinteressada por qualquer coisa.

É aí que, com a continuidade da separação, a criança chega ao estágio do desapego:

Onde se torna emocionalmente desapegada de todos, inclusive dos cuidadores, quase como um mecanismo de defesa mais primitivo. O infante passa a desconsiderar o retorno, evita o adulto e não se chateia mais com a separação. Como a sensação da separação contínua é desestruturante e mexe diretamente com as bases do apego que estava sendo constituído, o infante tende a retrair-se e fechar-se para o mundo.

Numa pesquisa feita para a OMS, Bowlby(1995) afirma que uma separação precoce, a descontinuidade e a privação do cuidado materno nos primeiros anos de vida poderiam resultar em muitas patologias. Uma personalidade estável e confiante é fundamentada nos primeiros três anos de vida, sendo as figuras de apego responsáveis por construir uma base sólida para a criança se apoiar e explorar o mundo. As relações de apego não são exclusivas da mãe, podendo ser realizadas com pai, irmãos, avós, tios, etc. Porém, elas precisam ser constantes, por isso a problemática da separação precoce em crianças que passam grande parte do seu dia na creche, com diversos cuidadores, sem uma figura que exerça o papel necessário para um desenvolvimento estável.

A relação de apego que a criança estabelece com a mãe ou cuidador principal depende da responsividade e sensibilidade desta pessoa com a criança e não da satisfação das necessidades primárias da criança pelo adulto (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p. 2).

Alguns exemplos do comportamento de medo que a criança apresenta devido à separação materna ou à presença de pessoas e lugares estranhos são: inibição de ação, olhar de cautela, expressão facial de medo, tremores e choros, busca de abrigo, esconder-se ou

agarrar-se a alguém, etc. Essas reações podem ter alguns resultados, como imobilização, distanciamento de algum objeto considerado ameaçador e conseqüentemente a aproximação de outro objeto considerado seguro, de apoio (BOWLBY, 1973/1993).

A pesquisa de Rapaport e Piccinini (2001) aponta as problemáticas da separação materna precoce, os fatores que interferem na adaptação da criança na creche, e suas estratégias de enfrentamento. Os teóricos afirmam que as crianças apresentam diferentes respostas à separação materna prolongada, algumas se desenvolvem normalmente, outras encontram dificuldades em superar a situação. Isso pode ser explicado pelo cuidado recebido na creche quando a criança está afastada da mãe e pelo cuidado que recebe da família nos momentos que estão juntos; depende também da idade do infante, de quanto tempo permanece longe da mãe e do grau da privação.

Em pesquisas anteriores sobre a relação entre cuidado em creche e apego não foram encontradas evidências consistentes em favor da alegação de que a creche prejudicaria a segurança do apego. Porém, a teórica Mary Ainsworth, em 1970 realizou um procedimento que chamou de *Uma Situação Estranha*, para observar relacionamentos de apego entre um cuidador e uma criança. As reações dos bebês no reencontro com o cuidador depois de uma separação breve eram utilizadas para avaliar o grau de confiança que a criança tinha na acessibilidade de sua figura de apego. (VAN IJZENDOORN, 2005).

Nesse procedimento a criança é colocada numa sala, onde fica brincando por cerca de vinte minutos enquanto cuidadores e estranhos entram e saem do ambiente, o intuito é também de observar as reações da criança com o fluxo contínuo entre presenças familiares e estranhas. Durante o procedimento, quatro aspectos do comportamento da criança são observados:

1. A quantidade de exploração, o quanto a criança brinca e explora.
2. As reações da criança à partida de seu cuidador.
3. A ansiedade estranha ou a reação à solidão
4. O comportamento da criança quando ocorre a reunião com seu cuidador.

Ao final do procedimento, a criança é classificada em quatro possíveis grupos, sendo esses:

1. **Apego seguro:** quando a criança é seguramente apegada a sua mãe e explora o ambiente, interage com estranhos enquanto a mãe está presente mas se irrita ao vê-la sair do ambiente e fica feliz ao vê-la retornar, não interagindo com estranhos durante a sua ausência.
2. **Apego inseguro ansioso-resistente:** é ansioso para explorar e para fazer contato com estranhos, mesmo quando a mãe está presente. Quando a mãe

se afasta, a criança fica extremamente angustiada e é ambivalente quando a mãe volta.

3. Apego inseguro ansioso-evitativo: evita ou ignora o cuidador, mostrando pouca emoção quando deixa a sala ou retorna, pode fugir do cuidador quando ele se aproxima e não se agarrar a ele quando segurado, não explora muito, independentemente de quem estiver lá. Trata estranhos da mesma forma que trata seu cuidador, sem muita mudança na escala emocional, independente de como está a sala.
4. Apego desorganizado-desorientado: chora durante a separação mas evita a mãe quando ela retorna, ou pode aproximar-se da mãe e então congelar ou jogar-se no chão, muitas vezes mostrando um comportamento estereotipado, balançando para lá e para cá ou batendo-se repetidamente.

Esse procedimento ampliou as possibilidades de investigação sobre as experiências de cuidado não maternal afetarem ou não o desenvolvimento da criança, dando margem a novas pesquisas e aprofundamentos dentro dessa temática. Com novas pesquisas, Belsky concluiu que nos primeiros anos de vida haveria um prejuízo na relação de apego das crianças para com os pais, quando as crianças passam muito tempo na creche – regime integral - longe de seus pais ou cuidadores. Essa separação pode ser o principal fator que gere a insegurança da mãe de poder dar o cuidado correto, seguro e, por parte da criança apresentar insegurança para com a mãe e/ou cuidadores (RAPOPORT; PICCININI, 2001).

Uma pesquisa feita por Sagi e seus colegas com 700 bebês concluiu que a creche em si ela causaria o desenvolvimento do apego inseguro com as mães em relação aos bebês que ficam sob o cuidado materno e não apresentam esse tipo de desenvolvimento. Outro fator que prejudicaria a segurança do apego seria a qualidade precária que os cuidadores aplicam nas crianças, isso leva em consideração na maioria das vezes a renda familiar que essa família apresenta, fazendo com que as crianças precisam ser inseridas em uma creche com pobreza na qualidade do cuidado e da necessidade de manter a criança num período maior para que a mãe e/ou cuidadores possam exercer seu trabalho diário (RAPOPORT; PICCININI, 2001). Segundo o estudo do NICHD lançado em 1991 nos EUA, foi possível abordar que diversos fatores podem influenciar no cuidado não parental que é feito na creche como um fator de risco, já que nenhum fator singular e isolado não afetaria diretamente a criança, levando a insegurança dela, por motivos de a criança permanecer na creche por mais de dez horas semanais, a frequência de troca de cuidadores e a baixa qualidade do serviço, a criança, assim, iria apresentar comportamentos mais independentes e uma queda da qualidade do apego mãe-criança.

Como foi visto anteriormente, não há evidências consistentes para afirmar que a inclusão de bebês e crianças em creches seja necessariamente prejudicial ao seu desenvolvimento psicológico, embora alguns autores acreditem que este possa ser um dos fatores de risco para o desenvolvimento de um modo de apego inseguro. Há, no entanto, um maior consenso de que a relação entre os pais e/ou cuidadores com a criança, a idade em que a criança é inserida na creche, a postura e a confiança que os pais empregam frente esta, assim como a qualidade do cuidado ofertado nestes locais, são fatores muito mais influentes e de fundamental importância para o processo de adaptação do infante, assim como a construção e manutenção de um apego seguro.

Desta forma, há algumas preocupações, cuidados e medidas que podem ser adotadas tanto pelos pais ou responsáveis, quanto pela creche e seus funcionários, para propiciar uma melhor integração e adaptação da criança a este novo local, facilitando assim, a construção e manutenção de um apego seguro.

A primeira medida é a escolha da creche pelos responsáveis da criança. Essa decisão precisa ser tomada com atenção e cautela, de preferência, deve ser feita uma pesquisa com antecedência sobre as opções de instituições e a sua qualidade. Fatores como a infraestrutura, a quantidade de funcionários em relação às crianças e qualidade dos cuidados ofertados devem ser levadas em consideração.

Esse processo de escolha de uma creche considerada adequada para o cuidado do bebê ou da criança é também muito importante para os pais. A entrada da criança para a creche e o seu processo de adaptação muitas vezes é difícil não só para a criança, mas também para a família. Muitos pais, inclusive, podem sofrer mais do que a própria criança, e esse sentimento de medo, ansiedade e insegurança em deixá-la na creche, pode ser percebido pela criança, passando tais sentimentos para ela e dificultando o processo de adaptação (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994).

Para evitar este problema, é muito importante que os pais ou responsáveis conheçam bem a instituição, pesquisem sobre ela e a visitem, para, assim, se sentirem mais seguros na hora de deixar a criança. Este sentimento de segurança dos familiares em relação ao local escolhido poderá refletir positivamente na adaptação do bebê e da criança pequena, que terão mais confiança no ambiente e nas pessoas que os cercam.

A creche pode contribuir para a melhor adaptação, tanto das crianças como dos pais, implementando algumas ideias simples, como criar um período focado justamente neste processo. Embora não haja um tempo exato para que o processo de adaptação ocorra,

alguns autores estipulam que pode girar em torno de uma a duas semanas. Durante este período, a creche poderia incentivar e permitir a presença de um familiar, na sala de aula ou em outro espaço. (RAPOPORT & PICCININI,2001).

Outra estratégia, é levar inicialmente a criança à creche como uma espécie de visita e gradativamente aumentar a quantidade de horas que ela passará lá. Tais medidas tem se mostrado muito eficazes para fazer com que bebês e crianças se acostumem com este local, com a rotina, com as outras crianças, e com os cuidadores de uma forma menos estressante e traumática. Manter o número reduzido de bebês e crianças pequenas por cada educadora; evitar ao máximo a troca de educadoras facilitando uma relação estável. (RAPOPORT & PICCININI,2001).

Além do mais, muitos autores destacam também a importância da creche manter um número reduzido de bebês e crianças para cada educador; assim como manter um educador fixo para cada criança, evitando ao máximo a troca de educadores. Lordelo (1997) verifica que quando há um grande número de crianças em relação aos adultos, os cuidados ofertados por estes, tendem a ser de baixa qualidade e com pouca troca afetiva, o que pode gerar uma dificuldade de fazer vínculo e, conseqüentemente, um afeto mais inseguro.

Hestenes, Kontos e Bryan (1993) relatam que crianças em creches cujos os educadores têm maior disponibilidade, engajamento, e interação, promovem uma melhor expressão emocional da criança, uma relação mais estável, segura, afetuosa e cuidadosa entre educador e bebê, diminuindo os níveis de estresse e colaborando para a manutenção e preservação de um apego saudável. (RAPOPORT & PICCININI,2001).

4.1 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Como visto anteriormente, o apego é um mecanismo básico inato dos seres humanos que tem por função desenvolver determinadas partes de nossa personalidade, é a partir das nossas relações de apego que iremos definir como serão nossas futuras relações com o mundo. Segundo a teoria do apego de Bowlby, a criança quando separada do seu cuidador passa por uma sequência de reações, e essas reações são vistas em creches/escolas após os pais recolherem-se para seus deveres diários, deixando-as sob os cuidados de outros.

A partir do momento em que a criança se vê distante de seu cuidador original e primário, entra em períodos de choros, resistências, negações, desinteresses, entre outros aspectos que contribuirão para um estilo de apego inseguro. Como conseqüências, temos a

ansiedade em conhecer coisas e pessoas novas, a evitação e angústia para com o ambiente afora, a dificuldade em explorar situações novas, e muitas outras dificuldades com o mundo externo e até mesmo interno, já que a base sólida de exploração e apoio, no caso a mãe, se encontrou ausente em grande parte do ciclo de seu desenvolvimento.

Julgamos ser essa uma das graves consequências em deixar crianças por muito tempo à sombra de cuidados de diversas pessoas estranhas e novas. Apesar de na maioria dos casos ser necessário colocar essa criança em creche, os pais compensando os momentos ausentes, poderá de certa forma abrandar a propensão de a criança se tornar um adulto emocionalmente desapegado tanto de pessoas novas como dos próprios responsáveis. É necessário o contato, a atenção, a proteção, o carinho e, principalmente, o amor para que a relação se torne algo saudável e funcional. Crianças declinadas desde cedo em creches chegando ao ambiente natural de volta, sem essas necessidades básicas que os pais devem prestar, terão graves dificuldades futuramente com o ambiente externo.

Como mencionado anteriormente, não há pesquisas que evidenciem o prejuízo no apego causados por essa separação, mas, segundo a teoria abordada, crianças que são privadas de cuidados básicos dos pais, certamente ficarão com alguma sequela e, entre elas, será o desapego, que é um dos primeiros sinais dado pela criança quando separada. É evidente que nem todas irão se desenvolver com essas dificuldades, mas, isso não omite a possibilidade de pelo menos 6 a cada 10 crianças apresentarem o apego inseguro, ansioso-resistente, ansioso-evitativo ou desorganizado-desorientado.

Crianças com esses estilos de apegos apresentaram baixas na qualidade de apego na idade mãe e bebê, sujeito e ambiente. E para que a consequência não se torne mais grave, é de grande importância a permanência de apenas um educador para cada criança durante seu horário na creche, para facilitar essa troca e evitar excesso de informação nova para mentes que se encontram ainda em construção. Isso facilitaria tanto para o bebê como para o educador, onde ambos poderão criar vínculos e sentir segurança, contribuindo para a construção de um apego seguro, obviamente diferente do que deveria ser com os pais, mas ainda sim evitando grandes barreiras no desenvolvimento dessas crianças.

CONCLUSÃO

Conclui-se que as relações primárias construídas na infância afetam, de certa forma, o padrão de apego do indivíduo ao longo da sua vida, e que o rompimento desses

vínculos de apego, tanto na infância, adolescência ou vida adulta, suscita transformações nas imagens do self, o que pode ser percebido segundo a teoria de Bowlby.

A avaliação do apego, de maneira geral, possui métodos já estudados que têm valor significativo, por serem capazes de identificar o comportamento de apego ao longo do ciclo vital e sua ação sobre os relacionamentos que o indivíduo estabelece, além de identificar aspectos da representação mental dessas relações e do funcionamento social. O comportamento de crianças em creches, como dito ao longo do trabalho, varia de acordo com o meio social e da socialização que existe ali. A figura de apego, é vista como a mais presente nas interações com a criança, o que, tendo a ocorrência de variância de responsável, pode acarretar em inseguranças e mau comportamento.

Partindo da ênfase em relação aos aspectos individuais na construção de apego, os quais denota o sujeito em termos de modelos de funcionamento mental, demonstrando uma visão em termos relacionais essencialmente diádicos (relação mãe-criança) e chegando a uma abordagem sistêmica que considera diferentes níveis de influência sobre as relações, os comportamentos básicos, segundo a teoria do apego, são de suma importância para uma boa construção de segurança, tanto do bebê, como para os pais, o que pode ocasionar, além de um momento saudável e imprescindível para a relação de ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELSKY J. Experiência inicial em creche e segurança do apego mãe-bebê. In: TREMBLAY, R.E.; BOIVIN, M.; PETERS, R. de V. (ed) Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Montreal, Centre of Excellence for Early Childhood Development, 2011, p. 1-6. Disponível em: http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/BelskyPRTxpr-Cuidados_na_infancia2.pdf. Acesso em 26 de Março de 2021

BELSKY J. Creche na primeira infância e segurança do apego mãe-bebê. Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. van IJzendoorn MH, ed. tema. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]. <http://www.encyclopedia-crianca.com/apego/segundo-especialistas/creche-na-primeira-infancia-e-seguranca-do-apego-mae-bebe>. Publicado: Outubro 2009 (Inglês). Consultado: 27/03/2021.

BOWLBY, John; Maternal care and mental health; Bulletin of the world health organization, v.3, p.355-534, 1951; Disponível em: <https://pages.uoregon.edu/eherman/teaching/texts/Bowlby%20Maternal%20Care%20and%20Mental%20Health.pdf>. Acesso em 2 abril 2021

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. Arquivo brasileiro de psicologia, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, jun. 2005. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28 março. 2021.

FONAGY, P. Transgenerational consistencies of attachment: a new theory. *Revista de Psicoanálisis*, vol. 3, 1999. Disponível em: <http://psychematters.com/papers/fonagy2.htm>. Acesso em 28 março. 2021.

FONAGY, P.; TARGET, M. Attachment and reflective function: their role in self-organization. *Development and Psychopathology*, v. 9, n. 4, p. 679-700, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0954579497001399>. Acesso em 28 março. 2021.

RAMIRES, V. R. R. ; SCHNEIDER M. S. Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Jan-Mar 2010, Vol. 26 n. 1, pp. 25-33. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/ao4v26n1.pdf>. Acesso em 27 março 2021.

RAPAPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto; O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos; *Psicologia: reflexão e crítica*, v.14, n.1, p. 81-95, 2001; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209>. Acesso em 02 abril 2021.

VAN IJZENDOOR, M. Apego nos primeiros anos de vida (0-5) e seu impacto no desenvolvimento das crianças. Leiden University, Holanda. *Março 2005 (Inglês)*. Tradução: julho 2011.

AINSWORTH, M. D. S., BLEHAR, M., WATERS, E., & WALLS, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Erlbaum Associates.